

RELATO DE EXPERIÊNCIA

SEM INTERVALO PARA SORRIR: MEMÓRIAS DE 29 DE ABRIL DE 2015, O DIA EM QUE PROFESSORES ENTRARAM EM BATALHA PARA DEFENDER O ENSINO PÚBLICO

Louize Karoline Lazzarim¹, lazzarimlouize@gmail.com (autor)
José Carlos Fernandes², zecafernandes1964@gmail.com (orientador)

RESUMO

Livro-reportagem registra vozes dos cidadãos que presenciaram, ou foram afetados, por greve histórica dos educadores do Paraná, por meio de entrevistas com fontes selecionadas. O ano letivo de 2015 iniciou com defasagens graves à educação, como falta de estrutura física nas edificações, carência de professores temporários e outros profissionais. Além dessas pautas, o governador do Paraná de 2015, Carlos Alberto Richa (PSDB), levou à votação medidas que colocavam em risco a Previdência Social dos servidores públicos do Paraná. No dia 29 de abril, os manifestantes foram à Assembleia Legislativa do Paraná (Alep) com o objetivo de acompanhar a votação, mas os planos do governo eram outros: receberam os manifestantes com bombas de efeito moral, balas de borracha e spray de pimenta, o que resultou em 236 feridos.

PALAVRAS-CHAVE

Educação. História da Educação. Livro-reportagem. Manifestação.

1. INTRODUÇÃO

Pelas palavras de Renato Janine Ribeiro, ex-ministro da Educação durante o segundo mandato da ex-presidenta Dilma Rousseff, “educar não é apenas instruir, é mudar o mundo” (Ribeiro, 2018, p. 40). No entanto, na história da educação do Paraná, e no Brasil como um todo, o tratamento dado aos professores e educadores não está à altura da função por eles desempenhada.

¹ Formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

² Doutor e mestre em Estudos Literários. Docente do Departamento de Comunicação (Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom), da UFPR.

No dia 29 de abril de 2015, cerca de 20 mil professores, educadores, alunos, pais de alunos e apoiadores da causa da educação se reuniram em frente à Assembleia Legislativa do Paraná (Alep), com o objetivo de acompanhar a votação sobre o [Projeto de Lei \(PL\) 18469/2015](#), que definiria o futuro previdenciário dos servidores públicos estaduais. No entanto, foram surpreendidos por um ataque da Polícia Militar (PM), com ordens do governador Carlos Alberto (Beto) Richa (PSDB).

Em 2015, com 13 anos, não entendia completamente o que havia ocorrido com os meus professores. Tenho apenas lembranças de quando retornamos à sala de aula após a greve. A revolta com o governo era unânime, ainda em tempos em que a polarização não era tão evidente.

Desde fevereiro de 2015, a categoria vinha sendo desrespeitada pelo governo. No entanto, no dia 29 de abril a situação se agravou. Foram mais de duas horas de ataque policial, com 2,3 mil balas de borracha, 1,4 mil bombas de efeito moral e 25 litros de spray de pimenta, de acordo com levantamento da Associação dos Professores do Paraná, a APP-Sindicato, que constitui o sindicato dos professores e funcionários de escola do Paraná. Com isso, a Praça da Nossa Senhora de Saete, no Centro Cívico, onde se situa a Alep, se tornou um ambiente de guerra.

Oito após o “massacre”, iniciei meu estágio de Jornalismo na APP-Sindicato, sindicato dos professores e funcionários de escola, no qual o dia 29 de abril de 2015 é relembrado e debatido com frequência. Lembro de acompanhar pela televisão alguns fragmentos das manifestações, mas só quando iniciei meu estágio na APP-Sindicato e me debrucei sobre o assunto para realizar o trabalho de conclusão de curso percebi a dimensão do episódio histórico em que estive envolvida, mesmo que a distância.

As fotografias desse acontecimento muito se assemelham a fotografias de guerra, pois registraram a forma como o uso de força foi desmedido por parte da PM, já que os professores apenas fugiam dos ataques. Por este motivo, o termo empregado pelos educadores ao se referenciar a essa greve é “Massacre do Centro Cívico”. Já a imprensa utilizou termos mais neutros, como “Batalha do Centro Cívico”, pois não houve mortes, apenas feridos.

Desse contexto, surge a iniciativa da produção do livro-reportagem, que serviu como trabalho de conclusão de curso de Jornalismo na UFPR. Busquei documentar as

vozes que constroem o ensino público e precisam, além disso, realizar uma dupla jornada na área da educação, dentro e fora de salas de aula.

Além disso, o livro constrói um mapa do dia 29 de abril de 2015, usando recursos como a simultaneidade, à maneira do clássico Hiroshima, de John Hersey, sobre a explosão da bomba atômica em Hiroshima: “enquanto determinado professor estava fazendo isso”, “outro indivíduo estava fazendo aquilo”. Assim, a narrativa é composta por diversas vozes distintas, por meio do relato de micro-acontecimentos individuais. Foram mais de 20 fontes consultadas diretamente para compor a narrativa do livro *Sem intervalo para sorrir*, entre elas professores e professoras da rede estadual, jornalistas, policiais militares e políticos, como o ex-prefeito Gustavo Fruet e o ex-governador Beto Richa. Os personagens que conduziram a grande reportagem com maior presença foram o Fabiano Stoiev, professor de História do Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha; Ângela Machado, professora de História e vereadora de Curitiba pelo PSOL; e Valci Mattos, professora das séries iniciais, aposentada.

2. DESENVOLVIMENTO

Nesta seção, serão explicadas as escolhas dos livro-reportagem *Sem intervalo para sorrir*, como o título, os nomes dos capítulos, os personagens e o projeto gráfico. Desde o início do planejamento do produto — um livro-reportagem sobre o dia 29 de abril de 2015 — buscava-se a composição de relatos com a ideia de simultaneidade. Ou seja, enquanto um professor era atingido por uma bala de borracha, o que o jornalista da televisão Bandeirantes fazia? Assim, seria possível compor uma espécie de mapa dos micro acontecimentos que estiveram presentes no episódio que foi chamado de “Massacre do Centro Cívico”. Esses relatos se baseavam na memória de cada personagem, que pode ser definida como:

Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não é de surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum (Halbwachs, 2013, p. 69).

FIGURA 1 - MAPA DO CENTRO CÍVICO NO DIA DO “MASSACRE DO CENTRO CÍVICO”



Ilustração: Luan Alves (2024)

Para entender quais foram esses micro-acontecimentos, foram realizadas entrevistas, com perguntas previamente programadas, mas que poderiam ser modificadas ao longo da conversa. Cada uma dessas perguntas faz parte de um subgrupo temático: o que aconteceu durante o “massacre”?; o que você fez quando chegou em casa?; como foram os dias seguintes?; qual sua percepção hoje sobre o dia 29 de abril de 2015?; quais foram suas motivações para seguir essa profissão, que te levou até a Alep no dia 29 de abril de 2015?. Em cada um desses grupos, foram realizadas perguntas de temas similares, a fim de entender com profundidade como foi aquele dia para o entrevistado.

A escolha dos personagens se iniciou a partir de indicações. O primeiro personagem foi Fabiano Stoiev, professor de História do Colégio Estadual Bento Munhoz da Rocha e ex-dirigente sindical da APP-Sindicato, por indicação de José

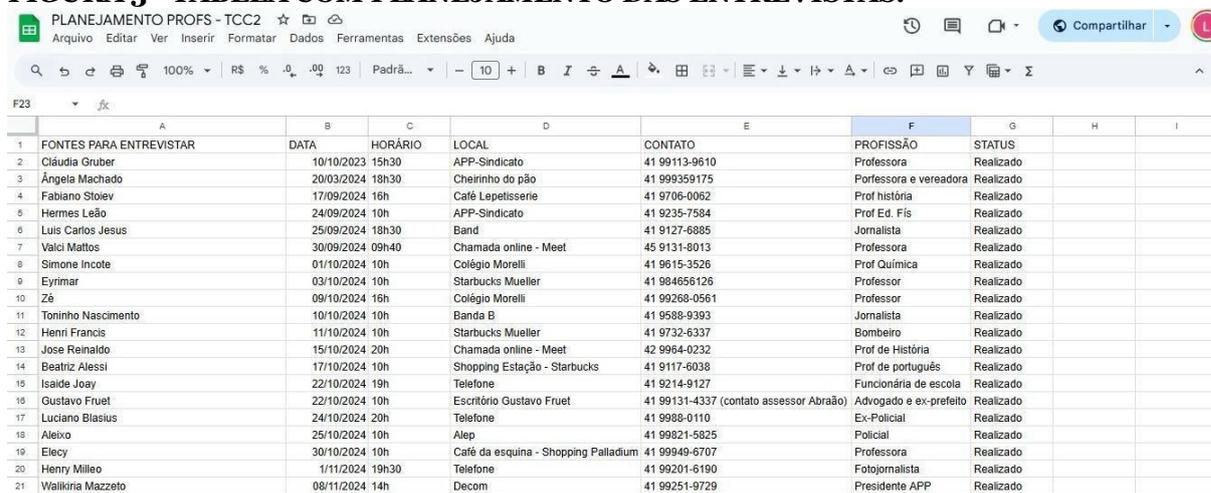
Carlos Fernandes, orientador deste trabalho. Ao longo da conversa com Fabiano, ele fez uma série de indicações de outros contatos, colaborando para criar uma rede de conexões e assim por diante, em cada entrevista.

FIGURA 2: FABIANO STOIEV RECUPERANDO A BANDEIRA DA APP-SINDICATO.



Foto: Henry Milleo (2015)

FIGURA 3 - TABELA COM PLANEJAMENTO DAS ENTREVISTAS.



1	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1	FONTES PARA ENTREVISTAR	DATA	HORÁRIO	LOCAL	CONTATO	PROFISSÃO	STATUS		
2	Cláudia Gruber	10/10/2023	15h30	APP-Sindicato	41 99113-9610	Professora	Realizado		
3	Ângela Machado	20/03/2024	18h30	Cheirinho do pão	41 999359175	Professora e vereadora	Realizado		
4	Fabiano Stoiev	17/09/2024	16h	Café Lepetisserie	41 9706-0062	Prof história	Realizado		
5	Hermes Leão	24/09/2024	10h	APP-Sindicato	41 9235-7584	Prof Ed. Fis	Realizado		
6	Luis Carlos Jesus	25/09/2024	18h30	Band	41 9127-6885	Jornalista	Realizado		
7	Valci Mattos	30/09/2024	09h40	Chamada online - Meet	45 9131-8013	Professora	Realizado		
8	Simone Incote	01/10/2024	10h	Colégio Morelli	41 9615-3526	Prof Química	Realizado		
9	Eyrimar	03/10/2024	10h	Starbucks Mueller	41 984656126	Professor	Realizado		
10	Zê	09/10/2024	16h	Colégio Morelli	41 99268-0561	Professor	Realizado		
11	Toninho Nascimento	10/10/2024	10h	Banda B	41 9588-9393	Jornalista	Realizado		
12	Henri Francis	11/10/2024	10h	Starbucks Mueller	41 9732-6337	Bombeiro	Realizado		
13	Jose Reinaldo	15/10/2024	20h	Chamada online - Meet	42 9964-0232	Prof de História	Realizado		
14	Beatriz Alessi	17/10/2024	10h	Shopping Estação - Starbucks	41 9117-6038	Prof de português	Realizado		
15	Isalde Joay	22/10/2024	19h	Telefone	41 9214-9127	Funcionária de escola	Realizado		
16	Gustavo Fruet	22/10/2024	10h	Escritório Gustavo Fruet	41 99131-4337 (contato assessor Abraão)	Advogado e ex-prefeito	Realizado		
17	Luciano Blasius	24/10/2024	20h	Telefone	41 9988-0110	Ex-Policial	Realizado		
18	Aleixo	25/10/2024	10h	Alep	41 99821-5825	Policial	Realizado		
19	Elecy	30/10/2024	10h	Café da esquina - Shopping Palladium	41 99949-6707	Professora	Realizado		
20	Henry Milleo	1/11/2024	19h30	Telefone	41 99201-6190	Fotografista	Realizado		
21	Walkiria Mazzeto	08/11/2024	14h	Decom	41 99251-9729	Presidente APP	Realizado		

Foto/arquivo pessoal

Foram quatro professores(as) da rede estadual de ensino que também eram dirigentes sindicais; dois policiais militares; um bombeiro; oito professores da rede estadual de ensino; três jornalistas; uma funcionária de escola; um ex-prefeito e um ex-governador. Quanto aos gêneros, foram oito mulheres e 13 homens.

Ao papel social do jornalismo, no que diz respeito aos eventos passados — sejam eles de injustiças ou apenas de fatalidades —, atribui-se também o “dever de memória”, “o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si” (Ricoeur, 2007, p. 101 *apud* Lage, 2013, p. 6). Assim, ao unir esses diferentes perfis sociais, de gênero e de ocupação, buscou-se registrar com maior fidelidade a proporção do que foi o dia 29 de abril de 2015.

Ao longo da preparação desse projeto, fiz a leitura de diversos livros-reportagem, entre eles um foi escolhido para constar na descrição nesse trabalho. Para pensar em como o livro seria dividido em capítulos, me inspirei em *Todo dia a mesma noite*, de Daniela Arbex, que segue uma linha cronológica de acontecimentos para tratar da tragédia do incêndio da Boate Kiss (2013). Dessa forma, os capítulos foram nomeados como: “O “massacre” em formação”; “O preparo para encontrar o inimigo”; “Entre um ônibus e outro, um amigo pelo percurso”; “O projeto não passa”; e “O que fica após o “Massacre”.

A escolha do nome surgiu a partir de uma das entrevistas, com a professora Simone Incote, que leciona a matéria de Química no Colégio Estadual Padre Cláudio Morelli, localizado no bairro Umbará, de Curitiba. Em uma de suas falas, ela cita que os docentes do colégio têm a tradição de se reunir na sala dos professores durante os intervalos, a fim de que compartilhem suas experiências ao longo das primeiras aulas. A impressão que teve ao chegar à manifestação do dia 29 de abril de 2015 foi similar ao que ocorria nos intervalos do colégio, no entanto, naquela ocasião, os professores não estavam sorrindo e conversando casualmente. O clima era de tensão. Dessa cena, surge *Sem intervalo para sorrir*.

A ilustração da capa foi pensada para representar três importantes personagens do livro: Fabiano Stoiev, Valci Mattos e um jovem. O professor Fabiano Stoiev foi até o local com equipamentos de segurança, como capacete, luvas, joelheiras, tornozeleiras, máscara e uma mochila com uma pasta de plástico no interior, para impedir que balas o atingissem na região abdominal. Ao longo do confronto, Stoiev achou uma bandeira da APP-Sindicato e, para representar a organização que fazia parte, a carregou pelo restante da manifestação, motivando sua ilustração na capa. A professora Valci Mattos levou o estatuto do idoso até a Alep e lia trechos aos policiais, na esperança de que eles poupassem a vida dos idosos — o que não ocorreu, pois ela foi atingida por uma bala de borracha na parte inferior da sua perna, E, por fim, um jovem, para representar os alunos que também marcaram presença no “massacre”. Do outro lado da linha de confronto, os policiais foram representados com seus equipamentos, como escudos e armas não-letais, implacáveis e alheios aos pedidos de trégua dos manifestantes.

Outro elemento importante para a construção do projeto gráfico do livro foi a presença das fotografias feitas por profissionais da *Gazeta do Povo* e pela APP-Sindicato, principalmente. Todos os profissionais foram contatados para aprovar o uso das imagens, que também foram creditadas. Ao longo dos relatos, os entrevistados manifestaram o desejo de contar o contexto das imagens que ganharam popularidade após o dia 29 de abril de 2015, a exemplo da fotografia em que a professora de História Ângela Machado está ajoelhada em frente à tropa de choque. Anteriormente ao registro, ela indagava aos policiais: “Por que vocês estão fazendo isso com a gente? Somos tão trabalhadores quanto vocês”.

FIGURA 4: ÂNGELA CORRENDO DOS POLICIAIS



Foto: Daniel Castellano (2015)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho foi registrar as vozes dos manifestantes e dos trabalhadores que estiveram presentes ou foram afetados pelo dia 29 de abril de 2015, em frente à Alep. Ao longo das entrevistas, percebeu-se que há um desejo dos personagens, mesmo após quase uma década do ocorrido, em expor e relembrar o que vivenciaram durante o “massacre”, apesar da dor e do trauma que ainda perdura.

Assim como define David Hume (Hume, 2009), a memória não tem a ver apenas com o passado, pois contribui com a definição da identidade dos indivíduos, o que significa que também se atrela ao presente e ao futuro. Olhar para o que passou é um exercício constante na vida dos professores, visto que a partir do que vivenciaram eles definem o futuro, pautado na garantia de direitos e melhoria da educação pública.

Até mesmo os professores que não vivenciaram o dia 29 de abril de 2015 resgatam o episódio como um dia de luta e luto pela educação, porque, como traz o

sociólogo Maurice Halbwachs, a memória coletiva refere-se a um passado que não necessariamente foi vivido pelo indivíduo em questão.

Valci Mattos, professora aposentada, relata que ainda lembra da voz do deputado estadual e presidente do legislativo, Ademar Traiano, ao dizer que o conflito ocorria lá fora, e que os demais deputados não tinham o que temer em continuar realizando a apreciação no interior da Alep. Além da voz do político, a insensibilidade ecoa na memória da professora.

Foram poucos os professores e outros participantes que se recusaram a contribuir com o trabalho, seja por motivos pessoais ou profissionais. De forma geral, a aceitação foi satisfatória, com falas exclusivas de Beto Richa, o governador do estado em 2015.

Além da honra que os professores sentem em terem participado daquele dia, o episódio foi responsável por criar identidade na categoria, capaz de dissolver os posicionamentos contrários, porque, naquele momento, eram um só com um objetivo em comum: lutar pela educação e pela defesa dos direitos da carreira docente. Ao longo da conversa com o professor de História Fabiano Stoiev, ele cita o momento em que reencontrou Walkiria Mazeto, professora de Geografia e que atualmente preside a APP-Sindicato. Apesar de serem de vertentes distintas dentro da APP-Sindicato, ele representando a oposição à direção estadual e ela compondo esse grupo, no momento em que se viram, apenas o lado humano foi levado em consideração, e só o abraço bastou para consolar um ao outro.

Para Fabiano Stoiev, a lembrança que guarda do dia 29 de abril de 2015 é de uma dor muito grande, em que a violência não precisava ter ocorrido. No entanto, ele acredita que as medidas atuais de reformulação da educação paranaense, propostas pelo atual governador Carlos Roberto Massa (Ratinho Junior), causam ainda mais ressentimento. Nas palavras do professor, o dia 29 de abril o formou como cidadão, uma vez que percebeu seu papel como educador. Ressalte-se que com as medidas de privatização e militarização na rede estadual de ensino, Stoiev foi diretamente afetado, porque agora foi tirada sua autonomia em sala de aula. Não há mais liberdade para propor conteúdos importantes ao aluno, pois a aula é totalmente planejada por grupos privados contratados pelo governo.

O ano de 2015 é o início de uma jornada de luta dos professores por melhorias na educação, o que reforça a urgência do presente trabalho, visto que propicia a preservação da memória de um enfrentamento significativo ao buscar direitos trabalhistas e educacionais, além de denunciar a violência policial contra manifestantes

Dessa forma, o projeto do livro-reportagem destacou a importância para debate de temas sensíveis como o do “Massacre do Centro Cívico”. As matérias jornalísticas servem de documento de registro ao historiador e ao jornalista, pois os materiais informativos são um rápido acesso à memória coletiva, e porque a produção de reportagens também se baseia em lembrar aniversários e datas de mortes, por exemplo, que são um resgate à memória. “É preciso comemorar as datas-marco fundadoras, reinstaurar o passado pela lembrança e pelo esquecimento. Ao reiterar o passado, normalmente, esses atos colocam em evidência também o desejo de futuro” (Barbosa, 2006, *apud* Lage, 2013).

REFERÊNCIAS

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HUME, David. **Tratado da natureza humana**: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais. São Paulo (Sp): Ed. Unesp, 2009.

CASA CIVIL. Reestruturação do Plano de Custeio e Financiamento do Regime Próprio de Previdência Social do Estado do Paraná e adoção de outras providências (Lei nº 18469/2015). Curitiba, 30 de abril de 2015. Disponível em: legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=140073&indice=1&totalRegistros=1. Acesso em: 13 de março de 2025.

RIBEIRO, Renato Janine. **A pátria educadora em colapso**: reflexões de um ex-ministro sobre a derrocada de Dilma Rousseff e o futuro da educação no Brasil. São Paulo: Três Estrelas. Acesso em: 13 mar. 2025.

LAGE, L. **Jornalismo e o dever de memória**. 9º Encontro Nacional de História da Mídia, Rede Alcar, Porto Alegre, p. 1-13, 2013.

STOIEV, Fabiano. [Entrevista concedida a] Louize Lazzarim. 17, set, 2024.

MACHADO, Ângela. [Entrevista concedida a] Louize Lazzarim. 20, mar, 2024.

MATTOS, Valci. [Entrevista concedida a] Louize Lazzarim. 30, set, 2024.